

CASTELOS E FORTALEZAS
DO BARLAVENTO ALGARVIO,
NO PERÍODO DOS DESCOBRIMENTOS

O território do Barlavento Algarvio corresponde ao do reino de taifa, com sede em Silves, séculos XI – XIII, e inclui os atuais concelhos de Silves, Lagoa, Monchique, Lagos, Vila do Bispo, Aljezur e ainda os de Albufeira e Portimão. *

Nas lutas do século XI, entre muçulmanos da Península Ibérica que levaram à queda do Califado de Córdoba, foram criados vários reinos de taifa no Al Andaluz, entre eles o que tinha a sede na cidade de Silves que se tornou uma cidade de relevo, com grande desenvolvimento económico e cultural, no período almóada.

Como sede administrativa de um reino de taifa, a cidade de Silves dispunha de um sistema defensivo forte, para resistir a ataques de inimigos, como o que veio a acontecer em 1189, com a primeira conquista de Silves, em 1189, por D. Sancho I, com o apoio de cruzados nórdicos. Dois anos depois os árabes reconquistam Silves e controlaram a região até à conquista cristã definitiva, por D. Paio Peres Correia, no tempo de D. Afonso III, entre 1242 e 1246.

Hoje em dia, ainda se pode ter uma ideia dos meios de defesa militar sólida, no período Almóada, através dos dispositivos defensivos de que ainda se conservam alguns. O principal é o castelo ou alcáçova, localizado numa colina a uma distância não muito grande do rio Arade. Este era fundamental para fornecimento de água, bem como o meio de comunicação com o mar, para exportações e importações. * *

A entrada na alcáçova fazia-se por uma porta de arco redondo, situada entre duas poderosas torres. Seguia-se-lhe um vão até à entrada na alcáçova, coberto com abóbada de berço,

onde existiam aberturas, mata cães, por onde se lançavam pedras e outros materiais, para dificultar o acesso ao recinto amuralhado. Toda a muralha está encimada por merlões e seteiras e é reforçada por sólidas torres. *

À direita, junto à muralha nascente, escavações arqueológicas mostraram restos de luxuosa construção, provavelmente, o palácio das varandas referido por Almutamid. Do lado contrário, localiza-se a designada cisterna dos cães, espaço que alimentou o imaginário popular, com lendas de mouras encantadas, de riquezas fabulosas e de ligação ao rio e a Estômbar. Trata-se, provavelmente, de um espaço donde, em tempos remotos, se terão extraído minérios. O nome, cisterna dos cães, resultou de, em trabalhos de desentulhamento, realizados em finais do século XIX, se terem encontrado vários esqueletos de cães.

Entre a casa almóada e a torre de menagem, foi construída, depois que os árabes reconquistaram Silves, uma monumental cisterna (aljibe), com o objetivo de abastecer de água a população residente, sobretudo em casos de ataque. Tem quatro abóbadas de berço, sustentadas por seis grossos pilares e pelas paredes. Tinha capacidade para disponibilizar água para 1000 pessoas, durante um ano e foi utilizada até tempos recentes.

Também fazia parte da estrutura defensiva a muralha que rodeava a medina, (cidade), com 3 entradas, a principal era a porta dita de Loulé, a sul, de que se conserva grande parte da estrutura, junto à Câmara, por baixo da biblioteca municipal. *

No largo fronteiro à Câmara, ainda são visíveis restos de uma torre da muralha da medina que se estende para ocidente.

Com o tempo, Silves foi perdendo a sua importância estratégica, como centro administrativo e económico, em benefício de outras localidades do Barlavento Algarvio, como Lagos e Portimão. Por carta de 1361, D. Pedro I, cria o concelho de Lagos que, a partir daí, deixa de estar na dependência de Silves na administração da Justiça, tornando-se mais célere e facilitando a vida dos moradores. Algo de semelhante se passou com Portimão. Em 1504, D. Manuel instituiu o condado de Vila Nova de Portimão, doando-o a D. Martinho Castelo Branco que era o segundo senhor da mesma localidade, cujo senhorio havia sido

criado décadas atrás. Era outro território que deixara de pertencer ao termo de Silves.

De alguma forma, velha cidade da margem direita do rio Arade esteve ligada aos Descobrimentos. Admite-se que, na descoberta da ilha da Madeira, o companheiro de João Gonçalves Zarco, Tristão Vaz Teixeira era natural de Silves, bem como Diogo de Silves, o descobridor da primeira ilha do Arquipélago dos Açores. Por seu lado, D. Afonso V, ao regressar da gloriosa campanha no norte de África, celebrou os festejos dessa vitória em Silves.

Em Estômbar, na margem do Arade existiu um pequeno dispositivo militar, vulgarmente designado castelo de Estômbar. Hoje nada resta desse dispositivo, apenas uma placa toponímica a indicar Praça do Castelo. Tratava-se, provavelmente, de uma torre de vigia para alertar da passagem de barcos inimigos, em direção a Silves. *

Em Nossa Senhora da Rocha, no concelho de Lagoa, a poente de Armação de Pera, neste esporão rochoso, funcionou uma fortaleza, para defesa de frequentes incursões de piratas, turcos e berberes, na zona, a partir de meados do século XVI tendo sido objeto de restauro, em 1630. Desse forte encontram-se apenas restos das suas fundações, ao longo do esporão rochoso. O que aqui salta à vista é a capela de Nossa Senhora da Rocha, local de culto cristão, que pode muito bem ter origem em época anterior, até porque a cúpula octogonal e os dois capitéis bizantinos das colunas do nártex abonam a favor desses tempos recuados.

O único elemento da arquitetura militar do concelho de Monchique é o castelo do Alferce de que subsistem apenas ruínas das fundações e um muro. Poderá ter sido torre de vigia e local de refúgio para dissidentes, no período islâmico. Esperemos que as escavações arqueológicas em curso nos venham a fornecer dados para classificar esta construção.

Desde tempos remotos, a extensa baía de Lagos que se estende desde a Praia dos Três Irmãos à ponta da Piedade, apresenta boas condições de segurança para proteção e a poio das numerosas embarcações que navegam nas rotas entre o

Mediterrâneo e o Atlântico e vice-versa, com a vantagem de aí se poderem abastecer de alimentos e de água.

Estas circunstâncias contribuíram para que, no período do reino de taifa de Silves se tenha instalado aqui uma Zawya, lugar onde existia um local de culto, o túmulo do fundador que lutara em guerra religiosa e onde se assegurava proteção, aos perseguidos por inimigos. Tais características implicavam a existência de mecanismos defensivos para proteção dos residentes. *

Estas torres albarrãs fazem parte do castelo de Lagos, bem perto do mar, porque era daí que vinham os perigos, construído em tempos anteriores à ocupação cristã, no reinado de D. Afonso III.

Após a reconquista cristã, Lagos continuou a ser um lugar de relevo, pelo que, como se disse, D. Pedro I lhe deu autonomia administrativa e judicial, independente de Silves. Dadas as boas condições, a população foi aumentando, desenvolvendo-se as atividades ligadas ao mar, tornando-se uma vila próspera.

As condições naturais da baía, facilitadoras da atracagem das embarcações, contribuíram para que, em 1415, D. João I concentrasse aqui todos os barcos que se dirigiam para a conquista de Ceuta, e aqui anunciasse aos expedicionários a bula papal que concedia o perdão dos pecados a todos os intervenientes.

Depois do desastre de Tânger (1437), o Infante D. Henrique decidiu fixar-se em Lagos, tendo trocados a sua vila de Gouveia por propriedades entre Silves e Lagos e para poente desta localidade, onde tinha a sua residência. Conseguiu, igualmente, privilégios facilitadores dos seus planos de navegação e comércio ao longo da costa africana.

Depois de algumas tentativas, em 1434, Gil Eanes, natural de Lagos e ao serviço do Infante D. Henrique, regressou de uma viagem com a informação de que tinha transporto o Cabo Bojador, possibilitando assim o comércio com aquela região, dentro de pouco tempo, chegavam a Lagos produtos daquela atividade, nomeadamente, escravos e outras mercadorias. Por algum tempo, Lagos tornou-se o grande centro da Expansão Portuguesa.

A princípio, as viagens de comércio eram feitas por marinheiros naturais de Lagos, homens experimentados nas lides do mar, mas também se realizaram algumas por estrangeiros ao serviço e com a permissão do Infante D. Henrique. Passadas algumas décadas, a região começa a ser atacada por piratas mouriscos, vindos da costa africana. Tal situação, obrigou ao reforço dos dispositivos defensivos de Lagos, o que se verificou nos tempos de D. Manuel e de D. João III. * * Esta é a janela manuelina, de onde D. Sebastião assistiu à missa, antes de partir para a batalha de Alcácer Quibir.

A muralha urbana de proteção aos moradores foi concluída no reinado de D. João III, ao longo da qual foram levantados imponentes baluartes, conservando-se ainda hoje, partes dessa muralha e de alguns dos seus baluartes. * Este é um arranjo urbanístico, feito já no século XXI, no exterior da muralha, junto ao baluarte da Porta dos quartos. *

A fortaleza da Ponta da Bandeira ou de Nossa Senhora da Penha de França, é considerada, muitas vezes, como o grande dispositivo militar de Lagos, dado o seu bom estado de conservação, mas foi levantado nos finais do século XVII. Em tempos anteriores, estiveram em funcionamento, bem perto deste local, duas baterias para defesa na entrada da barra de Lagos, a do Pinhão e a da Solaria, de que, praticamente, nada resta. *

O Infante D. Henrique residiu, durante alguns períodos, na zona de Sagres, onde teve licença de construir uma vila, o que não significa a instalação formal de uma escola náutica. Em todo o caso, aqui se abordavam questões de marinharia e aqui recebeu o veneziano Cadamosto que, ao seu serviço, realizou algumas expedições à costa africana.

Desde tempos remotos, Sagres era o cruzamento de vias de navegação do Mediterrâneo para o Atlântico e vice-versa. Já na Idade Média, existiam aqui meios de defesa militar, mas os que lá se encontram, na atualidade, remontam ao período dos Descobrimentos, porque as incursões de piratas muçulmanos e europeus se intensificaram, a partir dessa altura.

Massai, engenheiro militar ao serviço da coroa, escrevia, em 1621, que os dois baluartezinhas dessa fortaleza e o revelim do meio tinham sido mandados fazer por D. Sebastião.

O portal de entrada que ainda hoje se mantém * foi reconstruído após os grandes danos causados pelo terramoto de 1755. Apresenta arco redondo, pilastras e é encimado por frontão triangular com escudo ao centro e dois remates piramidais.

Transposto o pórtico, encontramos uma passagem abobadada com duas seteiras e, em seguida, chegamos à praça de armas. Há canhoneiras na parte superior do muro, localizado por cima da porta de entrada, bem como nos muros laterais dos baluartes, todas com plataformas de lajedo onde eram assentados os canhões.

À esquerda de quem entra na praça de armas, pode ver-se a que, habitualmente, é designada “rosa dos ventos”. Trata-se de um desenho geométrico, formado por pedras toscas e desiguais, imitando 48 raios com perto de 21,50 metros cada. Foi descoberto em 1918/1919 e desnudado em 1959. Ignora-se o seu significado. Alguns especialistas consideram-no um quadrante solar de gnómon vertical. O facto de estar localizado nesta fortaleza, levam alguns a atribuir-lhe o valor de um instrumento náutico.

Ao longo do extenso e elevado promontório, com um perímetro de 2.500 metros, também são visíveis os lajedos para assentamento dos canhões, donde se fazia fogo para repelir a aproximação de barcos inimigos e evitar acessos ao alto do promontório. A poucos metros, em frente da entrada, existiram construções para albergar o governador, a guarnição e, possivelmente, a população residente. Tudo isso, bem como parte dos muros defensivos foi destruído, em 1587, pelo corsário inglês Drake, no regresso de uma incursão a Cádiz e depois de não ter conseguido entrar em Lagos, donde foi repellido pelos defensores da cidade.

Três outras fortalezas integravam o sistema militar defensivo da região de Sagres. *

A fortaleza da Baleeira, a nascente da fortaleza de Sagres, sobranceira ao porto de pesca, já estava em funcionamento em 1573, para proteger a armação de atum ali existente. Hoje, pouco resta desta defesa militar: parte do arco da porta de entrada, restos dos muros de forma triangular, a alguns centímetros do solo. Foi

destruída por Drake, em 1587, e nunca se concretizaram as propostas que apareceram para o seu restauro.

Também no século XVI, nos reinados de D. Manuel ou de D. João III, houve necessidade de levantar um novo dispositivo defensivo, entre a fortaleza de Sagres e a do Cabo de S. Vicente, porque o fogo de artilharia disparado destas duas fortificações não impedia a atracagem de barcos de inimigos entre aqueles dois pontos. *

O muito que ainda resta da construção do século XVI, da reconstrução de 1632 e de uma intervenção de 1950/1960 corre o risco de desaparecer, devido às derrocadas da falésia já verificadas naquele ponto que se agravarão se, entretanto não houver uma intervenção de fundo.

O Cabo De S. Vicente, extremo sudoeste da Europa, foi um local mítico desde a antiguidade, além de um espaço para proteção a peregrinos, teve, igualmente, um dispositivo defensivo anterior ao controlo português no século XII. D. Fernando Coutinho, bispo do Algarve entre 1502 e 1538, mandou construir neste local um convento e uma pequena fortaleza. Dados os perigos de ataques inimigos, nos reinados de D. João III e de D. Sebastião, foi reforçado o dispositivo militar aqui existente, que também foi devassado por Drake e alvo de uma grande intervenção em 1606 e de outra em 1960.

Quando se chega ao extremo sudoeste da Europa, as atenções voltam-se para o imponente farol, construído em 1904 e para o miradouro, donde se pode observar uma paisagem de maravilha, com as ondas do mar a bater nos rochedos da falésia imponente. Com frequência, o visitante quase nem repara nos vários elementos que ainda subsistem da fortificação que foi levantada, com o dispositivo da ponte na levadiça na porta de entrada ou os muros de proteção pela falésia acima, para defesa daquele espaço. *

O castelo de Aljezur é um bom exemplo da implantação do reduto defensivo num ponto elevado, para dificultar o acesso a atacantes. Foi construído no tempo da ocupação islâmica da região e tomado por D. Paio Peres Correia na campanha de D. Afonso III da conquista de todo o Algarve, em 1243-1244.

Deste castelo, subsiste uma boa parte do muro defensivo com duas torres, uma redonda e outra quadrangular, sem as habituais ameias das fortificações medievais. Visto a alguma distância, dá a impressão de uma coroa de pedra xistosa, no cimo de um monte. ** No interior, não se conservam os mecanismos da porta de entrada, mas são visíveis os restos de construções adossadas ao muro nascente, destinadas ao paiol e ao alojamento da guarnição. Junto do muro, a norte, encontra-se, em bom estado de conservação, a cisterna com uma abóbada de berço.

Pouco resta da fortaleza da Arrifana, construída em 1635, para proteção da zona pesqueira daquele espaço. As baterias funcionavam na ponta do promontório que se segue à porta da entrada. Hoje, não tem condições para tal, devido a grandes danos provocados pela erosão, ao longo dos anos.

Ali bem perto, na Ponta da Atalaia, subsistem os restos dos alicerces de construções do imponente ribat, uma estrutura com funções religiosas e militares, criada pelo dissidente muçulmano, Ibn Qasi, em princípios século XII. No século XIV, o minarete da mesquita ali construída foi utilizado como torre de vigia, daí o topónimo da zona, Ponta da Atalaia.

O muro de pedra levantado, em meados do século XX, a rodear a igreja de Nossa Senhora da Conceição da Carrapateira, é uma forma sugestiva de lembrar que, naquele espaço, em tempos idos, primeira metade do século XVII, funcionou uma fortaleza para defesa das praias da Bordeira, a norte, e do Amado, a sul. A zona era alvo de frequentes ataques de piratas berberes que assaltavam as populações e faziam escravos que eram levados para o norte de África. Tratava-se de um espaço, relativamente alto para melhor proteção das populações de tais ataques.

Não é caso único em que o religioso e o militar partilhavam o mesmo espaço. Tal acontecia tanto no mundo islâmico, como no mundo cristão. Além da bateria, voltada ao mar, em funcionamento nesta fortificação, há quem admita a existência de baterias mais próximas da orla marítima, a cargo da guarnição da fortaleza da Carrapateira.

A análise do património militar do Barlavento Algarvio, que chegou até aos nossos dias, é um bom contributo para podermos compreender a importância da região no desenvolvimento dos factos históricos em Portugal, nos séculos XV e XVI, concretamente, nos Descobrimentos, a grande iniciativa do país, naquele período.